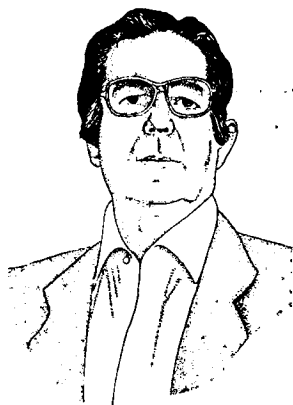


Do falar sem dizer e do negar afirmando

Newton Rodrigues *



filha Roseana (ele tem dito que, no Maranhão, FHC é quem precisa de seu apoio e não vice-versa), mantém-se o mais antigo na pretensão, embora com as cautelas de quem está treinado em mudar de cavalo seguindo as circunstâncias, roteiro que o levou da "bossa nova" udenista à presidência da Arena e, desta, a vice na chapa de Tancre-

do Neves, de quem herdou o mandato integral. Diz e rediz que está à disposição do partido, assinou nota contra a venda da Vale (juntamente com Itamar e Aureliano) e apoiou a convocação da convenção de 25 de janeiro, rechaçando a ação da ala fernandista do PMDB. Embora ainda não se conheça o êxito de candidato que não se tenha aplicado em si-lo, conserva postura passiva, o que torna sua pretensão na dependência dos outros, inclusive de Itamar, contra quem se nega a entrar em disputa. Em 1994, quando pensou em concorrer, acabou no sereno.

Quanto a Itamar Franco, até agora o mais forte possível adversário ao candidato oficial, indiferente aos

isso, Lula continua desfolhando o malmalquer, impedindo outras candidaturas em seu próprio partido e atacando sem meias palavras todos os possíveis candidatos opositores, não agregados a suas atuais alianças políticas.

As últimas manifestações dos mais importantes próceres do setor fazem o contraponto. Começamos pelo PMDB, dono da mais extensa rede de diretórios e do maior número de possíveis candidatos presidenciais. A ala fernandista caiu de corpo (não necessariamente de alma) no esforço pela aprovação das chamadas reformas a qualquer custo – a administrativa acaba de ser aprovada em segundo turno na Câmara, por boa margem de votos – e pela adesão do partido à candidatura de FHC. Mas o que têm feito os possíveis candidatos da legenda, à exceção de Roberto Requião, o mais fraco deles, devido a ter expressão acentuadamente local e suposto radicalismo?

José Sarney, apesar dos cuidados que alguns atribuem ao desejo de conseguir apoio presidencial a sua

os problemas pela difusão instantânea do que se pretendia dirigir a faixas restritas de opinião, a amplo domínio público. Foi o que aconteceu com o ministro Malan, que, por algum motivo especial, cortejou o FMI e recebeu contravapor do porta-voz do Planalto e do Banco Central.

A doença, ou que nome tenha, não se instalou apenas nos meios governamentais. As correntes oposicionistas talvez estejam infectadas há mais

tempo e seus líderes jogam o jogo de faz-de-conta, num cerca-lourenço não folclórico. Onde mais se exibem é na questão sucessória, na qual Fernando

Henrique e seus grupos de apoio tomaram a dianteira e ainda a mantêm, apesar de constante perda de credibilidade, como indicam variadas pesquisas de opinião. Acrescente-se que o desgaste governamental está sendo antes devido a erros oficiais do que à ação de partidos oposicionistas, pois até o mais aguerrido deles, o PT, além de dividido internamente sobre a política de alianças, incorporou o cacoete de contracenar na oposição e governo, aceitando a presença de quadros seus no ministério, desde o governo de Itamar Franco. Enquanto

As dificuldades atuais exibem uma oposição sem propostas mobilizadoras e sem lideranças coordenadas

Em boca fechada não entra mosca. A advertência serve a todo mundo, principalmente àqueles que precisam freqüentar a mídia, que o loquaz presidente da República já assinalou ser decisiva na política e adjacências, o que explica por que as verbas publicitárias oficiais são maiores que as destinadas a setores básicos, mas pouco atrativos, segundo a ótica eleitoral. A necessidade de falar cria falastrões e oferece quadros interessantes, com carregadas fisionomias de expositores desmentindo as mensagens de otimismo, além de outras estranhas figurações.

O "molambo da língua paralítica", referida pelo grande poeta que conseguiu o milagre de ser denso, difícil e popular, não pode ser responsabilizado pelas dificuldades de transmissão e persuasão. O problema está nos falantes e na velocidade dos acontecimentos que não ajudam conveniências: o conceito divulgado num dia pode ser desmentido logo a seguir, como se deu na afirmativa presidencial de que havia forte muralha a nos defender da crise das bolsas, entretanto, seguida do pacote. Os meios de comunicação complicam

fatos, age como se fosse possível permanecer sem desgaste representante pessoal de Fernando Henrique, no serviço diplomático, e pólo oposicionista. Ao adiar durante meses sua definição, ajuda involuntariamente a tentativa fiquista e dificulta a direção partidária. É verdade que se tem manifestado contra a linha governamental, várias vezes, forçando pela presença nos vídeos FHC a reduzir sua campanha de apropriação do Real, condenando a maneira pela qual estão sendo realizadas as privatizações e rejeitando como indesejável a recandidatura presidencial. Todavia, até ao criticar o pacote (JB, 19/11/97), lançou novas dúvidas sobre o que decidirá finalmente.

Em um mundo de imagens, os constantes retratos aos abraços com o seu antigo ministro têm mais força que atos verbais. Além disso, por motivos politicamente injustificáveis, apoiou a ala palaciana na questão da convenção partidária, confundindo escolha de candidato e opção por candidatura própria do PMDB. Pode-se admitir que a fixação do candidato fique para mais tarde. Entretanto, é óbvio que a de-

cisão de marchar sob a bandeira partidária precisa ser tomada tão cedo quanto possível, para que não se ampliem as dificuldades da legenda a que voltou e que, se contar com uma chapa bem construída que incorpore para vice um candidato agressivo como Ciro Gomes, terá reais chances de chegar ao segundo turno e à vitória final. O jogo da Presidência jamais foi ganho na tática defensiva: Getúlio enfrentou o

A necessidade de falar cria falastrões e às vezes oferece quadros interessantes

candidato de Dutra e o esquema político-militar dominante; Juscelino rechaçou o veto dos generais, transmitido por Café Filho, para sair candidato; Jânio venceu contra o governo federal e as maiores legendas; Collor derrotou as maiores organizações políticas. Só FHC, em decênios de pleitos diretos, pôde eleger-se pelo patrocínio presidencial e o medo a Lula.

As atuais dificuldades exibem uma oposição sem propostas mobilizadoras e sem lideranças coordenadas, à espera de que FHC desmorone por seus próprios erros. Com o que lhe dão tempo para manter a iniciativa.